



Aluno: Daniel Silva Moura

Orientador: Carlos Alberto Cordovano Vieira

Dentro e fora do campo: segregação social e racial nas origens do futebol paulistano

Início meu estudo buscando responder a esta pergunta: O que é o futebol? Se observamos a forma como aparece para os olhos menos cuidadosos, em suma, é um esporte como qualquer outro. Em que temos regras, jogadores, juiz etc.

Para outras pessoas críticas deste esporte, o futebol é uma espécie de “ópio do povo”, uma atividade de certa forma estúpida, na qual seus praticantes, no período de tempo que se dedicam à prática, esquecem de todas as aflições da sua vida, e se reduzem a uma forma mais primitiva da espécie humana, em que o raciocínio lógico não está plenamente desenvolvido, aflorando reações mais violentas. Todavia, a resposta para a pergunta que proponho não converge com as opiniões apresentadas. Se observamos apenas a forma na qual este futebol se apresenta, em sua camada mais superficial, é um esporte. Porém, proponho uma análise para além da superfície.

Desta forma, é preciso olhar para dentro do jogo. Por que no início da prática deste esporte, na década de 1900, era restrito a uma elite? Por que com a popularização deste esporte para as massas houve um movimento de criação de ligas nacionais? Por que quando os operários passam a praticar o futebol, existia uma divisão entre times de brancos e negros e até uma forte recusa em aceitar os negros (mesmo que fossem ótimos jogadores) nos times? Por que ao se popularizar no Brasil, este esporte assume características únicas, divergindo em vários aspectos do futebol inventado na Inglaterra?

É preciso superar a superfície de análise para ser capaz de responder a essas perguntas que venho a apresentar. O impulso central que orienta esta investigação é mostrar que além de um simples esporte, o futebol denuncia as fissuras do tecido social, colocando-as em cheque. Este tecido rompido cheio de conflitos sociais assume no futebol um caráter de combates rotineiros, isto é, assume uma forma antes nunca vista, que possui a duração exata de uma partida e é contrastada a cada vitória e derrota. É na disputa contra seu adversário, que os jogadores além de buscar a vitória estão contrastando suas diferenças sociais, econômicas e externalizando seus preconceitos.

A gênese

O berço do futebol encontra-se na Inglaterra, mais precisamente durante o processo de industrialização e crescimento da classe operária inglesa. No início, o futebol era uma espécie de externalização da violência e abusos sofridos pelos operários dentro do chão de fábrica para locais públicos, pode-se imaginar que era algo violento e pouco agradável aos olhos. “Tamanha era a violência que até a primeira década do século XIX era proibido pelo Estado inglês” (MAGANHÃES, 2010, p.14)

Porém, como algo bruto e violento converte-se em um objeto de passatempo da elite inglesa e posteriormente se espalha para o mundo? Para entender esse processo, primeiro iremos buscar a origem da palavra sport (do português esporte). Este termo inglês era usado para descrever alguns passatempos da elite inglesa constituídos por regras e institucionalizados. Deste modo, é a partir da adoção de regras para controlar a violência das classes baixas, que o futebol

passar ser um divertimento também da elite. Posteriormente, a elite inglesa irá tomar para si o mérito de criadora deste “sport”.

A chegada do futebol no Brasil está atrelada ao ciclo do café. “Foi o ciclo da riqueza gerado pelo café que alavancou não só a economia, por meio da industrialização e da entrada de capital externo, como também a vida social, com a entrada de imigrantes e a conseqüente introdução de hábitos e cultura estrangeiros, no meio dos quais estava o ‘esporte bretão.’” (GUTERMAN, 2009, p. 14). O início da prática no Brasil ocorre em um momento de busca por uma nova identidade. O avanço do processo de formação nacional, de transição de uma sociedade colonial para uma sociedade nacional, que ainda não se constituiu, passa também pela sedimentação de uma identidade nacional. Mas ao mesmo tempo esse processo se choca com as heranças coloniais, entre as quais o colonialismo cultural. Sendo assim, o futebol cumpre um papel no Brasil de representar a modernidade europeia, que passa a ser disseminada no solo nacional.

Oficial x varzeano

Devido ao seu caráter coletivo, logo o futebol trespassa o ambiente elitizado até se popularizar e encontra adeptos fora do âmbito da elite econômica. De início, buscando imitar o futebol da elite, meninos e rapazes começam a jogar o futebol de forma ainda improvisada, na rua, nas calçadas e com bolas feitas de panos velhos. Com a popularização, novos lugares foram sendo buscados para a prática. Foi assim que o termo futebol de várzea surgiu, devido à prática na Várzea do Carmo. “E foi lá, na Várzea do Carmo, que o futebol de rua ganhou organização e, por analogia, o nome de ‘varzeano’” (ANTUNES, 1992, p.22).

Os primeiros campos de várzea surgiram no início da década de 1900 e logo superaram em número os campos da elite. Essa expansão ocorreu principalmente nos bairros de operários: “Brás, Belém, Penha, Bom Retiro, Canindé, Ponte Grande, Santana e Ipiranga tinham as maiores concentrações de clubes de várzea (SILVEIRA, 1955, p. 319)”.

Quando o futebol é importado da Europa pelos jovens que regressavam de seus estudos, este esporte é tomado como um item que representa a modernidade europeia, um legítimo representante do progresso inglês. Deste modo, a elite considera o futebol como uma atividade enobrecedora de educação dos corpos, uma atividade física que combate a degradação gerada pela mestiçagem.

No despertar da prática pelas camadas mais pobres da população, a elite tem uma reação de busca contínua de afastamento do futebol praticado na Várzea do Carmo. Assim, o futebol desempenhado pela elite passa a ser vendido como o legítimo representante, já a várzea, a reunião de desocupados que não eram capazes de seguir as regras do jogo, um futebol bruto e ignorante. Somente a elite que era capaz de praticar o futebol oficial, respeitando suas regras e buscando não apenas o contato físico.

A primeira liga de futebol paulista, Liga Paulista de Futebol (LPF), é criada com o objetivo central de diferenciar o futebol oficial do praticado na várzea. Se analisarmos o Guia do Futebol, que contém regras e instruções para todos as posições do campo, a parte que diz respeito ao capitão traz consigo uma ideologia, do futebol como algo sério. O capitão deve se apresentar como um oficial do exército, um indivíduo que deve passar respeito e confiança. “As numerosas qualidades que deve possuir um jogador para desempenhar convenientemente as funções de capitão de um team são as mesmas exigidas de um general; seu team precisa ter uma confiança ilimitada no seu chefe, um pequeno exército que ele deve saber comandar” (GAMBETA, 2014), neste trecho retirado do guia podemos ver claramente a moral exigida a um digno praticante do futebol oficial.

O processo de democratização

O fim do amadorismo está inserido em um processo amplo de reformulação dos espaços urbanos no Brasil. O grande crescimento demográfico e a reforma urbana deste período, fez com que os entretenimentos comercializáveis ganhassem uma nova roupagem, a qualidade dos espetáculos passou a ser uma exigência. “Quem teve um importante papel tanto na

democratização como na profissionalização foi a torcida. Cada vez maior e mais exigente quanto às vitórias, pagando ingresso para assistir às partidas desde 1917, a torcida pressionava os dirigentes dos clubes a procurarem os melhores jogadores, independentemente de sua classe social ou etnia (Magalhães, Livia Gonçalves, 2010 p. 21)”. No futebol, o incremento de qualidade no espetáculo se converteu em um profissionalismo incipiente.

Essa reforma urbano mencionada, em conjunto com o começo do processo de industrialização, trouxe novas relações sociais fundadas no salariedade. A democracia como entendemos hoje estava dando seus primeiros passos no Brasil. A Revolução Bolchevique na Rússia, inflamou ainda mais a população brasileira na luta por melhores condições de trabalho e direitos, a greve geral de 1917 é um reflexo dessa influência externa e mostra como estava inflamada o movimento operário. Além da clássica greve de 1917, toda a década de 1920 ficou marcada por movimentos de insurgência.

A década de 1930 inaugura uma nova fase para o futebol nacional. Com a crise mundial de 1929, as oligarquias nacionais se encontravam em situações extremamente desfavoráveis e a importância concedida ao futebol pelas elite diminuiu. É importante lembrar que os primeiros clubes elitistas foram fundados e sustentados pela elite cafeeira. Com a crise de 1929, abre-se um novo processo que surtiu efeitos diretos na democratização do futebol, os grandes empresários do café deixaram de investir tempo e dinheiro no futebol e voltaram suas atenções para a retomada do crescimento. Em 1929 temos a crise da economia primário exportadora e o começo de uma nova dinâmica ditada pela industrialização. Neste contexto, há uma mudança na relação da elite com o futebol.

Como já foi mencionado anteriormente, a década de 1930 é marcada por inúmeras revoltas e força do movimento operários organizado pelos sindicatos. Além deste marco, é de extrema importância mencionar as mudanças operadas pelo governo de Getúlio Vargas no futebol nacional. Subindo ao poder em 1930 através de um golpe de estado, Getúlio Vargas tinha o objetivo de reorganizar a vida política do país, pondo um fim à República Velha. Essa reorganização da vida política passava por um processo de centralização do poder, eliminando os órgãos legislativos e diminuindo a força das oligarquias regionais. Todavia, para conseguir operar seu projeto era necessário ter uma forte base de apoio ao seu governo. Levando em consideração o ambiente inflamado no qual o Brasil se encontrava, para poder governar Getúlio precisava ter o povo sobre as asas do seu governo.

Em virtude dos apelos da classe trabalhadora, em 1934 Vargas convocou uma Assembleia Constituinte para a elaboração de uma nova carta Constitucional, na qual os direitos sociais foram ampliados, como a garantia de direitos trabalhistas, jornada de 8hs de trabalho, previdência social e etc. A Constituição de 1934 cumpre um papel importante para criar a imagem de Getúlio como o pai dos fracos e oprimidos.

Outro aspecto importante do período varguista é o caráter nacionalista do governante, no qual teve algumas características semelhantes ao regime fascista (à moda brasileira) e do combate ao comunismo, dois fenômenos que se confrontavam na Europa, e no Brasil assumiram características específicas. Esse caráter nacionalista de Getúlio se mostrou no controle das manifestações culturais com o objetivo de enaltecer as qualidades nacionais e expulsar as aspirações comunistas, criando assim a “raça brasileira”.

É diante desses dois movimento citados, nacionalismo e controle das massas, que o futebol entra como elemento de extrema importância. O governante tinha total noção do vetor de transformação social do futebol para os jogadores pobres, isto é, o futebol era/é uma forma de ascensão social, e para criar sua imagem de pai dos pobres, Getúlio não poderia negligenciar os anseios da profissionalização. Ademais, o presidente tinha o objetivo de através do futebol criar os laços de amor à pátria e amortecer os conflitos ideológicos internos. “Portanto, a regulamentação e a profissionalização do futebol não foram fatos isolados, mas parte da política trabalhista que marcou o primeiro governo de Vargas.

Racismo e futebol

Após a ascensão de Getúlio Vargas, o racismo na sociedade brasileira ganha outras formas, no futebol não foi diferente. O racismo explícito característico das primeiras décadas de prática do futebol no Brasil, aos poucos foi ganhando outros contornos, a recusa de jogadores negros no esporte deixa de ser absoluta, porém a condição subalterna de inserção não é posta abaixo. As décadas de 1930 e 1940, são marcadas por diversos movimentos sociais e reformas populares, como a Constituição de 1934. Nesse ambiente de reformas e insurgência de movimentos populares, a questão racial não poderia ser mais negligenciada, o negro não poderia ser visto mais como uma raça que representasse o atraso cultural brasileiro. Nos primeiros anos da República, a elite nacional buscou se assemelhar cada vez mais aos povos europeus, o esforço para esconder nossa mestiçagem era prioridade máxima, pois era visto com um elemento de atraso cultural para a nossa república emergente.

Getúlio se utiliza da mestiçagem para criar o ideal da “democracia racial”, o objetivo era mostrar ao mundo que no Brasil, diferentemente dos EUA, brancos e negros convivem em total harmonia, e a mestiçagem era o elemento que constituía a força nacional. “Construída em comparação à experiência racial norte-americana, a democracia racial brasileira é positivada com base na representação de uma escravidão benigna, extinta de forma “harmoniosa”. Na comparação entre os dois países, surge o discurso de que a nação brasileira seria civilizada perante os Estados Unidos. (ABRAHÃO, B. O. L, 2006)”. Objetivo era transformar o Brasil em uma espécie de modelo a ser seguido para o mundo ocidental, no qual a segregação social e o preconceito racial não existiriam.

É sobre a máscara da democracia racial que o racismo ganha uma nova roupagem no Brasil. O racismo nunca deixou de existir, porém sua forma se modificou. O racismo passou a ser mais silencioso e dissimulado, todos nós já ouvimos a seguinte frase “Eu não sou racista, tenho vários amigos negros”. Essa frase popular representa de forma digna a nova fase do racismo brasileiro. Elementos da cultura africana sofreram um processo de desafricanização, foram aos poucos clareados para serem aceitos nesta sociedade que se formava, um exemplo clássico é a capoeira, antes reprimida pelas forças do Estado, passa a ser um dos símbolos da falsa harmonia entre brancos e negros. “Foi nesse projeto de uma seleção de elementos que representassem uma nação vitoriosa que, nos anos 30, o mestiço transformou-se em símbolo da identidade nacional, a partir do sincretismo de elementos culturais (o samba, a capoeira, o candomblé e o futebol), que se transformaram em representantes da brasilidade (ABRAHÃO, B. O. L, 2006)”

O sangue do preto tem futebol?

O ser tido como exótico na composição da população brasileira (o negro), ganhou novos significados na “democracia racial”. A visão pseudo científica do darwinismo social que rebaixou o negro, um ser que não havia completado todas as fases da evolução, passou a ser rejeitada e o negro deixou de ser visto como um animal exótico e violento. Todavia, o racismo não deixou de existir, o animal agora estava domesticado, deixou de ser ameaçador para ser uma espécie de macaquinho divertido, habilidoso na arte musical (dono do ritmo samba), dominante no balanço corporal (a capoeira como uma dança).

Gilberto Freyre, importante intérprete do Brasil, sistematizou a “democracia racial”. Na visão do autor, a miscigenação lançou as bases de uma civilização original, na qual as raças convivem em um modelo de harmonia que tendia a neutralizar os conflitos raciais. Freyre define o nosso estilo de jogo a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolíneo” (formal, racional, ponderado), que seria próprio aos europeus, e outro “dionisíaco” (individualista, emocional, impulsivo), característico da índole mestiça que demarcaria a singularidade brasileira. (FRANZINI, 2000, p. 53)

Foi através da figura emblemática de Leônidas da Silva, popularmente conhecido como o "Diamante Negro", um dos jogadores mais importantes da história do futebol brasileiro, que a “democracia racial” encontrou seu legítimo representante. Leônidas transpirava futebol, e o seu modo característico de jogar, com uma habilidade ímpar com a bola, criando até o gol de bicicleta,

passou a representar o modo brasileiro de jogar durante a Copa do Mundo de 1938. A Copa do Mundo de 1938 foi disputada e sediada na França, sendo o maior evento esportivo do mundo. Essa Copa teve uma importância especial para a história do Brasil. A Copa tornou-se a vitrine perfeita para o governo brasileiro expor ao continente europeu o suposto sucesso da sociedade miscigenada, pois além de obter o terceiro lugar no torneio, Leônidas da Silva se consagrou como o artilheiro do torneio. Triunfava-se assim o modo de jogar brasileiro sobre a “raça pura europeia”.

A “democracia racial” escondia um discurso biodeterminante por trás da valorização dos estereótipos positivos do corpo negro. Os marcadores de raça foram amplamente utilizados nas décadas de 1930 e 1940, os “homens de cor” foram marcados como seres vinculados às práticas esportivas, como o boxe e o futebol. Mesmo que a teoria do darwinismo social fosse negada, existia uma hierarquia entre os “tipos brasileiros”, que possuíam características psicológicas distintas entre si, no qual os seres brancos ocupavam o topo da hierarquia (pois esta raça era considerada a mais inteligente). A miscigenação surge como a ferramenta capaz de acomodar essas raças distintas, gerando uma coesão.

A narrativa positiva que se formou através da democracia racial foi responsável por reforçar os estereótipos sobre o negro e seu corpo. Como o objetivo era mostrar ao mundo a forma peculiar no qual os negros e brancos conviviam de forma harmoniosa, os estereótipos positivos sobre o negro foram reforçados, o negro passou a ser visto como o tom colorido da nação, o responsável pelo balanço, pela ginga, o ser alegre por natureza. O negro passa a ser elogiado pelo seu suposto talento natural para atividades corporais, um talento que estaria presente em termos biológicos, ou seja, no genoma do negro.

O presente projeto tem como objetivo central discutir o processo de chegada do futebol no solo nacional e seu processo de democratização. Todavia, busco mostrar que o futebol denuncia as fissuras do tecido social, colocando-as em cheque. Este tecido rompido cheio de conflitos sociais assume no futebol um caráter de combates rotineiros, isto é, assume uma forma antes nunca vista, que possui a duração exata de uma partida e é contrastada a cada vitória e derrota. O presente projeto denuncia o caráter dual deste esporte que é ao mesmo tempo um remédio e um veneno. Um remédio, pois durante a partida de futebol seus participantes esquecem todas as angústias exteriores e se concentram no confronto. Um veneno, pois o próprio evento que leva a realização da partida de futebol é permeada de combates sociais, como a segregação de raça, econômica e de gênero. Deste modo, através desta característica dual do futebol, desenvolvo meu projeto de pesquisa denunciando o caráter segregacionista que permeou toda a história deste esporte e os jogos de interesses que motivaram os processos de democratização e a aceitação do negro nos elencos dos principais times. Por fim, meu projeto possui o recorte histórico que se inicia com a chegada no futebol no Brasil, que está atrelado ao ciclo do café, e termina com o processo de democratização do esporte. Deste modo, início a discussão mostrando a origem do futebol no Brasil, passando pela segregação entre o futebol oficial (representado pela elite) e os clubes de várzea, mostro a reação da elite nacional contra o processo de democratização e popularização do esporte, apresento como o processo de democratização é um elemento de manobra do Estado Vargas, mostro a situação dos jogadores negros e suas reações contra o racismo estrutural, e por fim, apresento como a democracia racial esteve presente no futebol e como ela atuou como um mecanismo que buscava mascarar o racismo estrutural e exaltar a miscigenação racial.